

## **No círculo das aflúncias: variabilidades discursivas e percepções dos lagos Badajós e Piorini no município de Codajás, estado do Amazonas.**

Priscilla Oliveira de Souza<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O Município de Codajás, Estado do Amazonas, localiza-se na mesorregião do Centro Amazonense e na microrregião do rio Coari, à margem esquerda do rio Solimões. É constituído pelos Distritos de Badajós e Codajás, abrangendo uma área de 18.712 km<sup>2</sup> com uma população de 23.206 habitantes. Objetiva-se fazer uma leitura cruzada das expressões narrativas coletadas em campo com uma abordagem capaz de englobar as dimensões literárias e histórico-sociais, buscando compreender como se processam as percepções sobre abundância dos moradores e agentes sociais que configuram o espaço social dos referidos lagos do município de Codajás. Investigar a variabilidade do discurso sobre os lagos Badajós e Piorini num contexto social de mobilidades e deslocamentos de seus referidos moradores bem como de demais agentes sociais que configuram o espaço social pressupõe a busca por compreender como se processam representações e percepções, formas de conhecimento engendradas em situações históricas que ativam processos históricos e socioculturais na Amazônia. No processo de construção e análise dos dados sustentou-se que os depoimentos particulares fornecidos pelas fontes orais se inscrevem em possibilidades de interpretação de processos coletivos e representam formas de interação social entre entrevistado e entrevistador. Buscou-se um percurso investigativo que contemplasse a análise dos discursos existentes que corroboram para a busca e construção sobre um saber dos lagos do município de Codajás relacionado à produção e disseminação de dados, informações, códigos e expressões situadas e datadas que extravasam as figuras científicas epistemológicas. A pesquisa alicerça suas conclusões localizando percepções sobre ideias de abundância e escassez dos referidos lagos em estreita interação com a lógica sazonal localizada em um contexto social de extremo esforço das atividades de extração, coleta e comercialização de recursos naturais mediado por relações políticas que movimentam a rede de conhecimento dos agentes e suas atividades.

**Palavras-chaves:** Variabilidades discursivas; percepções; lago Badajós; lago Piorini.

Lugar, tempo e olhar. Circularidade que nos alcança: a circularidade da Terra, o sentido horário que rege a contagem do tempo e o traçado circular de nossa visão. A

---

<sup>1</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia

circularidade como forma, percurso e percepção. Uma circularidade que encontra seu meio próprio de produção e reprodução. A partir disso, como refletir sobre a continuidade dessa circularidade, seu próprio fluir? Afluentes fluem para cursos maiores onde desaguam. Em vida se dá o movimento relacional entre o curso maior da existência e suas afluições. Nesse fluir entre circularidade e afluição existimos, continuamos e criamos.

O município de Codajás localiza-se na mesorregião do Centro Amazonense e na microrregião do rio Coari e está dividido em dois distritos: o distrito de Codajás que abrange a cidade de Codajás, os aglomerados rurais no seu entorno (são comunidades de moradores organizadas ao longo da margem direita do rio Solimões - Ilha dos Coros, Ilha de Codajás, lagos Oncinha e Urucurizinho, Jurupari, Onças, Jamaçanã e Joanico) e o Lago Miuá; e o distrito de Badajós que abrange os lagos Acará, Badajós e Piorini. Os referidos distritos possuem como setor urbano a cidade de Codajás (distrito de Codajás) e o Povoado de Badajós (distrito de Badajós).

Os dados históricos sobre a fundação do atual município de Codajás remontam meados do século XVIII. Anísio Jobim (1934) assinala o surgimento do Povoado de Badajós em 1880 como resultante das interações sociais de moradores emigrados do Ceará que negociavam com os índios Muras na referida localidade.

A presente pesquisa objetiva investigar a variabilidade dos discursos sobre os lagos Badajós e Piorini no município de Codajás, estado do Amazonas, em um contexto social de mobilidades e deslocamentos de seus moradores bem como de demais agentes sociais que configuram o espaço social dos lagos do município de Codajás, buscando compreender como se processam percepções dos referidos lagos.

Contudo, o que incide sobre lagos como ambientes de considerada abundância em termos de propriedades naturais? Qual perspectiva adotar para empreender a análise e a validação de tais depoimentos? O estudo descritivo, o emprego de material histórico e a análise das interações sociais comportaria o atendimento das expectativas da pesquisa? Em linhas gerais a pesquisa viu-se alicerçada sobre um fundamento comum: os discursos produzidos e reproduzidos sobre os lagos do município de Codajás.

Em diferentes tempos transcorridos a referida área de estudo, o distrito de Badajós, especificamente os lagos Badajós e Piorini, está presente, refletida, representada, seja através da perspectiva da então Província nos documentos oficiais, seja através do cunho ensaístico intelectual, literário e de viajantes e missionários.

Uma duplicidade de espaços é tanto percebida quanto efetivada quando nos referimos a comunidades de moradores de áreas adjacentes a lagos: seja no espaço indiviso e

juridicamente considerado público<sup>2</sup> de rios e lagos, seja no espaço terrestre das áreas que configuram margens dos mesmos. Há uma uniformidade quanto à percepção e representação da noção e ideia de abundância que perpassa os discursos concernentes aos referidos lagos do município de Codajás. Porém, essa uniformidade abre-se a uma variabilidade discursiva quanto às formas de apresentar, de legitimar esse discurso. Dessa forma, os conceitos evidentes se assentam na percepção relacionada ao seu espaço de deslocamento, mobilidade, atuação, atividade e práticas sociais. Contudo, como no meio da trama coletiva da existência surge e se impõe a individuação? Como os discursos produzidos e reproduzidos são evidenciados no delineamento das percepções e práticas sociais dos agentes cognitivos?

Intencionando investigar a variabilidade de discursos que contextualizam processos históricos e socioculturais das referidas localidades objetiva-se fazer uma leitura cruzada das expressões narrativas coletadas em campo com uma abordagem capaz de englobar as dimensões literárias e histórico-sociais.

Marshall Sahlins (1978) analisa a ideia de abundância que bem se liga a concepção da afluência onde todas as vontades materiais das pessoas são facilmente satisfeitas. O autor contesta as seguintes ideias disseminadas em manuais antropológicos: o espectro da fome que persegue o caçador; sua incompetência técnica traduzida num esforço contínuo de trabalho pela sobrevivência, o que não lhe proporciona nem descanso, nem excedente, nem mesmo lazer para “construir cultura”.

Há duas formas possíveis de afluência. As necessidades podem ser “facilmente satisfeitas”, seja produzindo muito, seja desejando pouco. A concepção vulgar, de Galbraith, constrói hipóteses apropriadas particularmente à economia de mercado: as necessidades dos homens são grandes, para não dizer infinitas, enquanto seus meios são limitados, embora possam ser aperfeiçoados: assim, a lacuna entre meios e fins pode ser diminuída pela produtividade industrial, ao menos para que os produtos ou bens indispensáveis se tornem abundantes. Mas, há também uma concepção Zen da riqueza, partindo das premissas um pouco diferentes das nossas: que as necessidades humanas materiais são finitas e poucas, e os meios técnicos invariáveis, mas no conjunto, adequados. Adotando-se a estratégia Zen, pode-se usufruir de abundância sem paralelo (SAHLINS, 1978).

Localizar os lagos Badajós e Piorini no contexto social das atividades cotidianas dos moradores intenciona relacionar o *espaço social*, que segundo Bourdieu (1998) comporta as várias dimensões de um espaço construído na base princípios de diferenciação ou de distribuição constituídos pelo conjunto das propriedades que atuam no universo social considerados.

---

<sup>2</sup> Consideramos a Constituição que designa águas de domínio público.

Feldman-Bianco (1987) assinala a relevância de estudos que sinalizem para análise das representações baseadas em discursos de agentes sociais que esboçam suas visões de mundo *coladas* a observações relativas ao comportamento concreto dos mesmos em situações específicas. Para a autora os desdobramentos metodológicos das teorias da ação permitem combinar dados provenientes da observação e da indagação a partir da visualização de eventos que focalizam *gente (agentes sociais), tempo (o movimento e o fluxo das ações) e lugar*. Em seus escritos Joan Vicent (1977) verifica que em contraste com as narrativas sobre estudos de sociedades agrárias apresenta-se interessante a formulação de análises que privilegiam a dinâmica dessas sociedades de forma mais sistêmica em uma perspectiva que considere a interação política, um delineamento das relações estruturais e também uma explanação dos eventos. Uma proposta de pesquisa que leva em consideração esses três aspectos advoga a necessidade de se completar a “observação intensiva” com abstração e análise de “campos de atividade” e o emprego de “material histórico”. William Foote-Whyte (1975), problematizando as técnicas relacionadas à prática de trabalho de campo, dentre estas a *observação participante*, assinala o “adentrar a campo” e as séries de aspectos a serem considerados que se ligam diretamente com o método etnográfico como o registro das informações e dos acontecimentos baseado na relação construída entre o etnógrafo e o etnografado e a construção da rede de relações sociais possível de ser construída pelo pesquisador resultante de seus deslocamentos no lugar de estudo. Apresentar a área de estudo da presente pesquisa para muito além de uma descrição da especificidade de cada lago, requer um entrelaçamento do itinerário percorrido assim como uma revisão de incursões datadas historicamente.

Oliveira Filho assinala que os relatos de viagem ajudam o antropólogo a imprimir à sociedade estudada uma dimensão histórica mais profunda, reunindo informações que transcendem em muito a capacidade de observação dos etnógrafos durante a sua situação de campo (OLIVEIRA FILHO, 1983: p. 85). Contudo, passando pelo crivo da teoria do pensamento antropológico contemporâneo é preciso atualizar os esquemas de uso dos relatos de viagem atentando-se para o critério definidor sobre em que medida as descrições que compõem os relatos podem ser tomadas como constituindo uma etnografia.

Importante entender, segundo Oliveira Filho (1983), que o valor etnográfico de um relato histórico não é em si maior ou menor que dados de observação direta; seu valor é instrumental e depende da definição do conteúdo da investigação realizada.

De acordo com o objeto de cada pesquisa, o valor heurístico de fontes documentais e de dados de observação direta pode variar bastante. Em

muitos casos os dados de que o investigador precisa podem ser mais facilmente reunidos através de fontes documentais do que do estudo intensivo de uma comunidade local. Assim ocorre, por exemplo, em pesquisas que pretendem descrever a articulação entre a comunidade local e as agências e instituições situadas em níveis supralocais de determinação. Ou ainda em estudos que visam apreender transformações históricas que transbordam em muito a capacidade de coleta de dados por um pesquisador durante seu período de campo (limitado espacial e temporalmente) (OLIVEIRA FILHO, 1983: p. 89).

O reconhecimento da percepção da área de estudo inicialmente é vislumbrado a partir dos escritos do Padre Constant Tastevin, missionário francês da Congregação do Espírito Santo.

Mas nossa ação ultrapassa de muito nosso território, pois o bispo de Manaus nos confiou a evangelização do alto Juruá ao (território do Acre) e da paróquia de Coari a leste, ou seja a bacia do Coari e do Piorini até a boca do Badajós no Solimões às postas de Codajás (FAULHABER & MONSSERRAT, 2008: p. 13).

Enunciando aspectos gerais desta região Tastevin escreve:

Todo o resto da região é dividido em grandes domínios para a exploração da borracha e da castanha. Sobre as margens do Amazonas porém, cuja descoberta é mais antiga, formaram-se alguns núcleos de povoamento independentes dos patrões: Badajoz, sobre o lago do mesmo nome, Câmara, Jutica, Caiçara, Uariny, Uará, Tupé, Foz do Jutai, Cupatana. Mas essas pequenas localidades não têm, por assim dizer vida autônoma, não dispendo de orçamento próprio. São os comerciantes que regulam a atividade econômica como em feitorias. Tais feitorias são estabelecidas mais ou menos próximas ao longo dos grandes rios: o Amazonas é de longe o mais povoado: encontra-se aí aproximadamente uma casa de comércio a cada hora [de viagem] (FAULHABER & MONSSERRAT, 2008: p. 30-31).

É a partir de sua perspectiva que a pesquisa alcança o entendimento dos caminhos opostos de incursão na área de estudo. Tastevin parte de Tefé, a presente pesquisa parte de Codajás.

Os escritos de Constant Tastevin se inserem numa longa tradição de descrições da terra e da gente da Amazônia, referente à produção de saberes etnográficos, padre Tastevin tinha plena consciência de que suas descrições de primeira mão serviriam para alimentar os gabinetes que abrigavam os etnólogos na França. Dessa forma, durante os 16 anos de sua passagem pelo Brasil, Tastevin viajou de “vilarejo em vilarejo, de feitoria em feitoria” percorrendo uma parte expressiva do conjunto de rios que banham a Amazônia ocidental.

Neste percurso desvelador da produção de Tastevin vem ao encontro, o exame de seu itinerário, elaborado por Faulhaber (2008):

Nascido na Bretanha, residiu de 1905 a 1926 em Tefé, cidade amazonense que então polarizava as relações étnicas e sociais regionais [...] Em 1922, Tastevin solicitou ao Ministro da Instrução Pública uma subvenção anual para realizar estudos geográficos, linguísticos e etnológicos na região ocidental do Brasil, afirmando esperar que o Ministro o julgasse suficientemente preparado para “fazer uma obra útil à ciência e ao bom renome da França”.

Dois artigos de Tastevin são eleitos pela extrema relevância à presente pesquisa: “A região do Solimões ou Médio-Amazonas” e “A embocadura do Japurá e o Piorini”. São anotações predominantemente geográficas, registradas por Tastevin paralelamente ao exercício do seu ofício missionário. Registrou suas observações etnográficas e linguísticas detendo-se nos topônimos, traduzindo termos da língua geral para o francês, mencionando também os nomes brasileiros e hispânicos. Examinou aspectos da ocupação humana e das atividades econômicas da região, descrevendo curiosidades sobre a exploração mercantil de atividades extrativistas, como borracha, castanha e pesca, mencionando nomes locais de animais e plantas. Destacou ainda características da colonização portuguesa e da migração nordestina, fazendo notar a diferença entre brancos, mulatos e negros, focalizando, principalmente, a presença indígena (FAULHABER, 2008: p. 7-8).

No artigo “A região do Solimões ou Médio-Amazonas”, Tastevin procurou estabelecer uma visão de conjunto da região que percorreu em atividades missionárias, mas também para fazer levantamentos topográficos para comissões de fronteiras nacionais ou para tratar de limites da área de jurisdição da Prefeitura apostólica de Tefé, administrada pela Congregação do Espírito Santo. Descreveu a floresta, o meio ambiente amazônico e seus recursos naturais, suas inundações sazonais, seus rios, afluentes, lagos, paranás e cursos de água, o clima, fenômenos atmosféricos, salubridade, geologia, fauna, flora, geografia econômica, população, detendo-se em localizações, etnônimos, usos, costumes e representações indígenas.

Em “A embocadura do Japurá e o Piorini”, com uma crítica a concepção errônea de “delta do Japurá”, que é comparado ao Nilo. Passa em seguida e escrever meticulosamente as peripécias ocorridas no itinerário de sua viagem a área, não se restringindo à geografia humana, mas procurando destacar, no que se refere à etnografia indígena, o rastro da nação Mura.

[Tastevin] Penso que este apanhado geral dá uma ideia suficientemente exata da região do Solimões, sob todos os pontos de vista. Gostaria agora de apresentar dois relatórios de viagem realizados, uma na região por excelência da borracha sobre o Riozinho da Liberdade, afluente do alto Juruá, e outro na região da pesca, da castanha e da borracha no Piorini e no delta do Japurá (FAULHABER & MONSSERRAT, 2008: p. 33-34).

O trabalho relacional das localidades descritas, visitadas e conhecidas por Tastevin é alcançado no corpo da pesquisa quando a verificação da perduração aos dias atuais da nomeação de determinadas localidades.

Os discursos presentes nos Relatórios dos Presidentes da Província do Amazonas, mais detidamente nos relatórios elaborados na vigência dos seguintes presidentes: Herculano Ferreira Pena (1853-1854) e (1862); Ramos Ferreira (1866) e João Wilkens de Matos (1870-1871) foram tomados à luz do pensamento do filósofo Michel Foucault (1926-1984).

Os fatos discursivos, descritos por Foucault, se limitam a enunciados já formulados que compõem as formações discursivas, estes desejam estabelecer não as regras formais de sua inteligibilidade, mas o jogo de regras que define as condições de possibilidade do aparecimento, das transformações e do desaparecimento de tais ou quais discursos, e não de outros, numa época dada e numa dada sociedade, jogo este que é, portanto, variável num curso histórico marcado por diferenças e descontinuidades. Para Foucault, a arqueologia é o método de análise da discursividade local (MUCHAIL, 2004: p. 15); esta primeira fase (da “arqueologia”) diz respeito a um nível de pesquisa, um nível de positividade, de formalização. Analisa coisas muito concretas assimilando a pesquisa não como uma reflexão sobre a dimensão do ser e sim em sua materialidade que reside naquilo que os documentos carregam em si. Constitui-se em estudos muito rigorosos e anti-metafísicos, pois pelo crivo de Foucault não passa nada que seja metafísico. É um período que antevê as exigências do positivismo, detendo-se somente naquilo que é dado, debruçando-se assim, sobre as diferentes maneiras de análise do discurso. Dessa forma, Foucault analisa discursos existentes, aqueles que foram pronunciados e se configuram como o objeto de estudo do historiador e do arquivista, estes responsáveis por classificar documentos. Para o autor a verdade não se encontra na consciência, na imaginação ou no espírito. Ele procura ver as relações que podem ser percebidas pela comparação de determinados discursos, elaborando correlações que permitem estabelecer a unidade nos textos. Detém-se sobre a organização, sobre a articulação interna do discurso na qual o tempo passa a ser uma dimensão privilegiada da pesquisa e a análise da sucessão não significa continuidade, pois a marca do tempo é o acaso. Foucault trabalha com as condições históricas do discurso, pois este encerra uma materialidade que não esconde nada. Existe uma materialidade no discurso que marca a sua materialidade histórica.

O “olhar codificado” para os lagos do município de Codajás expressa a visualização de bens e recursos que se conformam para a apropriação humana. O “conhecimento reflexivo” converte em discurso político de povoação, ocupação e habitação dessas referidas localidades. As variáveis de configuração que convertem as características ambientais e

físicas se aproximam em semelhanças que corroboram para unificar a proposição que se fundamentou mister para o delineamento do processo de conhecimento e reconhecimento desta região. Frente às inquietações propositivas de instituições políticas, dúvidas quanto à localidade, o transporte e a incursão nessa região de interior amazônico, constata-se a produção de um conhecimento que envolve valores e percepções. O que prevalece neste percurso investigativo é a regularidade de uma prática discursiva. Em se tratando de conformar os aspectos dispersos que compõem a visibilidade dos lagos do município de Codajás, a regularidade repousa na visibilidade preponderante acerca na situação de abundância, propriamente dita, de recursos naturais que caracteriza as referidas localidades, perpassando a noção de *centro de produção* conceituada por José Veríssimo (1895) até o delineamento literário como *círculo hidrográfico com fama de grandeza*, feito por Abguar Bastos (1931). É possível assim emergir um encadeamento de instituições, acontecimentos políticos, práticas e processos articulados entre si. Nos últimos anos do Brasil Império a corrida por ocupar a região amazônica foi pautada pela “ideia” de abundância, estabelecido o sistema patronal seringalista na região as relações são processualmente construídas ao passo que conferem o sentido da exploração dos recursos naturais, contudo esses eram os objetivos iniciais quando da busca por lagos notáveis e propícios à ocupação e habitação. O caráter político que perpassa a ocupação e habitação da região dos lagos do município de Codajás se liga na atualidade a constituição de uma divisão inter-distrital municipal e ainda mais, confere as formas de delimitação de microrregião que tem em seus lagos os limites territoriais. Assim, buscou-se compreender um percurso investigativo que contemplasse a análise dos discursos existentes que corroboram para a busca e construção sobre um saber dos lagos do município de Codajás relacionada à produção e disseminação de dados, informações, códigos e expressões situadas e datadas, mas que extravasam as figuras científicas epistemológicas chegando a compor um feixe de relações a serem consideradas.

Chegar à área de estudo com a perspectiva e o objetivo investigativo pressupõe o estar assentado em vias teórico metodológicas da interface construtiva do objeto, baseado no estudo exploratório entrelaçado as condições empíricas dispostas.

Assim, o desencadear das ideias se direciona para a compreensão das representações de vida. Partimos da sociologia clássica de Durkheim referente às *representações sociais*, seguimos o percurso compreensivo de Weber na elaboração de *ethos* e no conceito relacional de *habitus* forjado por Bourdieu. A este desencadear conceitual vem o encontro do pensamento de Schultz, que na confluência da sociologia compreensiva de Weber, aponta para as representações da experiência vivida, apresentando soluções originais para a

problemática da *intersubjetividade*. Ao indagar sobre a essência do ser humano, sobre que é ação social a resposta de Schultz decorre do pensamento weberiano. Weber define ação como “um comportamento relativo ao objeto”, ou seja, um comportamento motivado por uma intenção, o qual o indivíduo relaciona a uma dimensão subjetiva; com base nessa proposição Schultz considera a ação como uma atitude consciente e voluntária empreendida por um sujeito dotado de intencionalidade.

Alfred Schultz elabora seu pensamento apresentando soluções originais para a problemática da intersubjetividade, lançando o tema da subjetividade numa perspectiva sociológica que confere a importância das inter-relações sociais consubstancializando as representações da experiência do mundo vivido.

Codajás não dispõe de aeroporto, sendo a maneira mais usual de chegar até a cidade através de “recreios”, grandes barcos a motor, também denominados navios quando se trata de barcos de ferro, ou barcos de pequeno porte que partem da cidade de Manaus, do Porto Fluvial ou do Porto da Feira da Manaus Moderna, em uma viagem com duração em média de 17 horas, realizando o transporte de passageiros e cargas através de linhas regulares que ligam Manaus às cidades de Codajás, Coari e Tefé, no curso do rio Solimões ou 5 horas de viagem em embarcação chamada A Jato (lanchas de linha comercial). Os deslocamentos entre a cidade de Codajás, aglomerado urbano, e as áreas denominadas aglomerados rurais<sup>3</sup> do município, são de responsabilidade da esfera da administração política municipal. Porém, relações de vizinhança, compadrio e outras formas de reciprocidade proporcionam o que os moradores locais denominam “conseguir uma passagem”, ou seja, moradores das áreas rurais que não dispõem de meios de transporte próprio, canoas, lanchas ou barcos, contatam vizinhos, parentes ou compadres que possuem tais meios, como forma de realizarem seus deslocamentos de ida a cidade de Codajás e retorno à sua área rural de moradia.

Codajás possui um intenso fluxo de pessoas e atividades concentradas na rua principal que se localiza em frente à cidade, nela estão dispostas lojas de roupas, comércio em geral (mercados, drogarias, lanchonetes), o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a Colônia de Pescadores de Codajás, a Casa de Cultura, uma praça, seguindo às margens do rio Solimões está o porto flutuante de Codajás, Terminal de Cargas e Passageiros Nathan da Silva Bastos, o posto de abastecimento de gasolina/combustível que atende o abastecimento de embarcações fluviais e um complexo de lazer que possui dois campos de futebol de areia. Nesse espaço encontram-se moradores, passageiros que chegam ou estão de partida aguardando o barco,

---

<sup>3</sup> Classificação vigente elaborada pelo IBGE, 2000.

vendedores ambulantes, carregadores de bagagens que tem o seu trabalho estreitamente ligados ao movimento de passageiros e barcos, carregadores de mercadorias que chegam de Manaus assim como de outras cidades. O Porto flutuante é um local de intensa movimentação, constantemente acumulam-se aí grandes quantidades de madeira, sacas de açaí, caixas de frutas, e muitos outros produtos destinados, a grande maioria, à Manaus; barcos, navios, canoas e lanchas encostam e permanecem nas proximidades da orla da cidade, está é composta por muitos flutuantes, dentre estes alguns são somente moradia de famílias, outros são além de moradia estabelecimentos comerciais onde são vendidos peixes, gelo, combustível para embarcações, frutos como castanha, açaí, banana e outros. Barcos e canoas de pescadores também se concentram na orla da cidade. Bares e pontos de mototáxi<sup>4</sup> também compõem os espaços de sociabilidade ao longo da rua principal da cidade, onde o fluxo de bicicletas, motocicletas e carros dos carregadores de mercadorias e bagagens é constante.

Uma Casa de Cultura logo é avistada quando se chega em Codajás, ela abriga uma exposição permanente de obras artísticas de artistas locais que podem ser vendidas, são quadros, a maioria retratando paisagens naturais características da região, esculturas de aves, peixes, e outros animais, produzidas com sementes de açaí, fantasias e roupas, fotos dos fatos históricos da cidade assim como de famílias tradicionais de Codajás e uma biblioteca pública. Um quadro de fotos das festas e comemorações da cidade recebe destaque na local.

A cidade possui uma única avenida que a divide em dois bairros, bairro Manoel Rocha Thury, mais conhecido como Colônia, e o bairro do Laguinho, como resultado da expansão urbana, há também na cidade novos bairros que estão se estruturando.

Percorrendo as ruas de Codajás vê-se o cotidiano de uma cidade onde as atividades relacionadas à pesca são bem marcadas: veem-se moradores em frente às suas casas tecendo ou consertando redes de pesca, denominadas malhadeiras. Em algumas casas nota-se grandes redes de pesca que foram tingidas<sup>5</sup> estendidas no pátio. A pesca no trecho do rio Solimões em frente à cidade é recorrente o ano inteiro<sup>6</sup>, o movimento de pescadores embarcados em canoas e barcos pequenos, utilizando redes de pesca pode ser observado de uma margem à outra do rio. As chegadas e partidas de pescadores com destino aos igarapés e lagos da região são eventos que congregam familiares que estavam à espera do produto da pescaria para a venda ou alimentação diária.

---

<sup>4</sup> Mototáxi convencionou-se chamar o meio de transporte no qual um motociclista oferece serviço de transporte em motocicleta. Em Codajás é o meio de transporte mais usual em concomitância com a bicicleta.

<sup>5</sup> Tingir redes de pesca convencionou-se uma técnica usada para atrair determinadas espécies de peixes.

<sup>6</sup> Segundo relatos de moradores da cidade colhidos quando da realização de pesquisa de campo.

A venda de peixes é realizada na feira da cidade, porém há outros locais onde são negociados os produtos das pescarias, destinados ao consumo local dos moradores: no Porto Flutuante da cidade assim como também nos flutuantes localizados na orla de Codajás; porém, com frequência vê-se homens, jovens e crianças, vendendo peixes, nas ruas dos bairros Colônia e Laginho, pescados no rio Solimões.

O acesso ao distrito de Badajós, partindo da cidade de Codajás, é realizado por via fluvial, numa distância total percorrida em 12 horas em uma embarcação de médio porte<sup>7</sup> também conhecida por “recreio” que viaja até o lago Badajós. A região torna-se de difícil acesso dada a distância e a inexistência de rotas e linhas fixas de transporte fluvial entre o lago Badajós e a cidade de Codajás. Dificuldade acentuada no período da vazante e seca da região amazônica, ocorrido entre os meses de junho a novembro, devido à diminuição do volume de águas nos rios e a formação de praias na região estudada, o que aumenta a probabilidade de ocorrência de acidentes.

Porém, o fluxo de moradores dessa região que se deslocam por meio de canoas motorizadas<sup>8</sup> até a cidade de Codajás, assim como desta até o lago Badajós é constante. A administração municipal disponibiliza um barco ao fim de cada mês para os moradores se deslocarem até a cidade de Codajás, permanecendo durante uma semana na cidade e retornando ao lago após esse período. Existe também um barco que realiza esse trajeto, no início de cada mês, mais voltado ao transporte de produtos da região – peixe, banana, madeira, açaí, castanha e outros - a serem levados e comercializados em Codajás e/ou daí para Manaus, mediante o pagamento de uma taxa<sup>9</sup> por parte dos usuários. Assim, o trajeto até o lago Badajós é cercado de expectativas por parte dos passageiros desde a informação da chegada e saída do “recreio”, até o embarque para o lago Badajós, sendo comum relatos acerca das dificuldades do transporte no período da cheia, mas principalmente no período da seca. Partindo de Codajás se vê uma intensa atividade de pesca no rio Solimões: geralmente dois pescadores embarcados em uma canoa pescam, um puxa a rede de pesca, malhadeira, o outro rema. Nas margens do rio crianças brincam e também pescam com redes menores.

Neste trajeto, não há somente moradores que retornam às suas comunidades de moradia, após a permanência de uma semana em Codajás ou outras localidades como

---

<sup>7</sup> Embarcação de porte menor se comparada aos barcos comerciais que realizam o transporte de passageiros e cargas entre as cidades do Estado do Amazonas.

<sup>8</sup> Conhecidas por rabeta: canoas grandes com motor movido por combustível localizado na parte posterior, a *poupa* da canoa.

<sup>9</sup> Ao custo de dez reais por passageiro.

Manaus, há também aqueles que vão visitar parentes ou suas propriedades, casas, plantações e roçados<sup>10</sup>.

Tendo o barco capacidade aproximada para o transporte de 60 passageiros. No transcorrer da viagem alguns passageiros destinam-se às comunidades situadas ao longo do rio Solimões. No período de uma hora avista-se a “entrada” do lago Miuá e em duas horas, navegando pelo rio Solimões chega-se ao rio Badajós, numa localidade que figura como a divisão interdistrital do município (os Distritos de Codajás e Badajós). Rio bastante sinuoso e de águas pretas, abriga uma grande quantidade de lagos interiores e algumas comunidades ao longo de suas margens. A primeira comunidade localiza-se logo na entrada, intersecção com o rio Solimões, denominada Comunidade Tamandaré, em seguida, encontram-se demais Comunidades Toa-mirim, Iracema, Ubim e Caiana, separadas pela distância de uma hora, localizadas alternadamente nas margens esquerda e direita do rio. Após seis horas de viagem avista-se a entrada do lago Acará, na margem esquerda do rio Badajós. Deste lugar até o Povoado de Badajós ainda encontram-se as Comunidades Arpão-úba, Araçá, Três Bocas e Flora. Com um número médio de dez moradias em cada uma das comunidades, os moradores destas, mantém um fluxo constante de saída e deslocamentos na região, principalmente até as cidades de Coari e Codajás.

A chegada ao Povoado de Badajós, Setor Urbano do Distrito de Badajós, passadas doze horas de viagem, é marcada pela dispersão dos passageiros, que se destinam a várias localidades, sejam para as comunidades situadas no interior do lago Badajós ou para suas propriedades isoladas de comunidades, que localmente se convenciona chamar “propriedades” dos terrenos da margem. Assim, distribuídas ao longo das margens no interior do lago Badajós, após o Povoado de Badajós encontram-se as Comunidades de Santa Etelvina, a mais próxima do Povoado, Comunidade do Capitari, localizada no Igarapé Capitari, Comunidades Igarapé-Açú, São Sebastião, as últimas Comunidades são Comunidade de São Pedro e Monte Cristo, a partir destas o lago dividi-se em Mãe do Lago e rio Cunuarú, segundo relato dos moradores.

Com grande extensão e volume de águas, o lago Badajós é navegável em seu canal durante todo ano, isto equivale a dizer que o lago não fica represado, exceto alguns igarapés e lagos interiores. Porém, a dinâmica natural da região – enchente, cheia, vazante e seca – favorece a navegação do recreio (que adentra o lago transportando moradores até as

---

<sup>10</sup> Roçado é a denominação conhecida da plantação de mandioca que tem por medição quadras e a quantidade de farinha produzida a partir de uma quadra. Exemplo: uma quadra de roçado plantada pode proporcionar a fabricação de cem sacas de farinha. Fonte: Relato oral colhido em trabalho de campo.

comunidades interiores), de grandes barcos e navios somente no período de inverno, época de enchentes quando o fluxo de embarcações que adentram o lago é intenso, e dificulta a movimentação de embarcações no verão, período da seca, quando se formam em suas margens praias, grandes extensão de arrozais, assim como áreas de formações argilosas (que ficam metade do ano submersas) e os deslocamentos restringem-se somente no canal da área interior do lago, ficando isoladas algumas comunidades de moradores. Porém, segundo relatos dos moradores e observação participante, a percepção do *risco* perpassa a ação da navegação nos dois períodos, cheia e seca, tanto na extensão do lago como nos lagos interiores. Esta noção de risco recorrente nos comentários refere-se a idéia de perigo constante a que estão sujeitas embarcações de médio e pequeno porte (canoas, lanchas, barcos) quando adentram o lago num período de ventos fortes ou tempestades que causam a formação de grandes ondas.

A pesquisa desdobra-se em dois momentos: a apreensão e o reconhecimento da rede de sociabilidade pertinente tanto a incursão no lago Badajós como a incursão no lago Piorini.

A ideia de movimento, mobilidade e circulação perfaz um caminho que é comum a tudo que diz respeito à transformação. Sem adentrar a perspectiva determinista, essa transformação não segue um padrão de crescimento, espraia-se dinamicamente pelas vias dos fatos estabelecidos e dotados de essência, substância e prolongamento. Circuito é a trajetória percorrida entre um ponto ao outro, tendo como objetivo final o ponto de partida. Um circuito também pode ser entendido como uma rota de viagem, um itinerário pré-estabelecido com um destino final.

No turbilhão de possibilidade que cercam a humanidade contemporânea eclodem as imagens, os sons, os movimentos de análise e autoanálise que traduzem fazendo emergir os conteúdos interiores. É o desvelar em cadeias do encontro entre gerações. O contato precedido por uma abertura fundamenta o mínimo de comunicação entre duas interioridades. É necessário empreender uma escalada de entendimento do sentido ontológico do ser no espaço para, assim, apropriar as camadas que compõem e recompõem o encontro.

A presente pesquisa buscou compreender como se processam percepções e representações sobre os lagos do distrito de Badajós, município de Codajás. Assim, buscou-se compreender um percurso investigativo que contemplasse a análise dos discursos existentes que corroboram para a busca e construção sobre um saber dos lagos do município de Codajás relacionado à produção e disseminação de dados, informações, códigos e expressões situadas e datadas que explicitam as figuras científicas epistemológicas chegando a compor um feixe de relações a serem consideradas.

A construção de um saber localizado sobre gente, tempo e lugar ressoa a fundamentar a construção dos aspectos cognitivos que pressupõem a inteligibilidade das retóricas coletadas.

A pesquisa alicerça suas conclusões localizando percepções sobre ideias de abundância dos referidos lagos em estreita interação com a lógica sazonal em um contexto social de extremo esforço das atividades de extração, coleta e comercialização de recursos naturais mediado por relações políticas que movimentam a rede de conhecimento dos agentes e suas atividades.

O olhar lançado sobre os discursos produzidos e reproduzidos sobre a área de estudo em muito corroborou para a efetivação do entendimento do significativo valor etnográfico de um relato histórico problematizando questões relacionadas à própria ideia de abundância na constituição dos espaços e fronteiras sociais na referida área.

A chave de entendimento do presente trabalho empenhou-se no percurso compreensivo da abordagem que encadeia discursos e representações da vida imbricados numa determinada estrutura social enrijecida pelas práticas e segmentações do espaço social de vivências.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPADURAI, Arjun. A produção da localidade. In: *Dimensões culturais da globalização*. Lisboa: Teorema Ltda, 2004.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Coleção Tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BASTOS, Abguar.[1937] *Safra: o romance da Vila*. 2 edição. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1958.

\_\_. *Terra de Icamiaba*. Romance da Amazônia. Manaus: EDUA, 1997.

BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: *Coisas ditas*. : Ed. Brasiliense, 1989.

CASTRO, Fábio Fonseca. *A sociologia fenomenológica de Alfred Schultz*. Ciências sociais Unisinos, janeiro/abril 2012.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. Editora Martins Claret: São Paulo, 2004.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_ . As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução Salma Tannus Muchail. 8ª edição. São Paulo: Martins Fontes: 1999.

JOBIM, Anísio. *Panoramas Amazônicos*. Manaus: Tipografia Phenix, 1934. (Codajás; II).

Relatórios dos Presidentes de Província do Amazonas. Presidente Conselheiro Herculano Ferreira Pena (1853-1854): p. 33.

Relatórios dos Presidentes de Província do Amazonas. Presidente Conselheiro Herculano Ferreira Pena (1862): p. 29.

Relatórios dos Presidentes de Província do Amazonas. Presidente Ramos Ferreira. Relatório em 5 de setembro de (1866): p. 14; Divisão Policial.

Relatórios dos Presidentes de Província do Amazonas. Presidente João Wilkens de Matos (1870-71): p. 33.

RIBEIRO, Manuela. *As histórias de vida enquanto procedimento de pesquisa sociológico: reflexões a partir de um processo de pesquisa de terreno*. Revista Crítica de Ciências Sociais. N. 44. Dezembro, 1995.

SHALINS, Marshall. A primeira sociedade da afluência. In: ASSIS CARVALHO, Edgard (Org) *Antropologia econômica*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. *Elementos para uma sociologia dos viajantes*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1983.

\_\_\_ . *Regime tutelar e faccionalismo. Política e religião em uma reserva ticuna*. Manaus: UEA Edições, 2015.

\_\_\_ . O caboclo e o brabo: notas sobre duas modalidades de força de trabalho na expansão da fronteira da Amazônia no séc. XIX. *Encontros com a Civilização Brasileira*, 1979, v. 10, p. 101.

FAULHABER, Priscila & MONSERRAT, Ruth (Orgs.). *Tastevin e a Etnografia Indígena: coletânea de traduções de textos produzidos em Tefé (AM)*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2008.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Editora Martins Claret: São Paulo, 2005.